

A compaixão pelos infortunados: uma filosofia weiliana sobre a misericórdia como elemento ético e místico

Compassion for the Unfortunate: a Weil's Philosophy on Mercy as an Ethical and Mystical Element

ROBSON DE OLIVEIRA SILVA*

THOBIAS COSTA LOPES**

Resumo: O presente artigo procura refletir sobre o conceito de compaixão sobrenatural na filosofia da pensadora francesa Simone Weil, apresentando-o como *práxis* de um indivíduo descriado, que consegue através da graça divina sair de si mesmo e ir ao encontro do *malheureux*. Para se chegar a esta conclusão, o presente texto inicia-se tratando da filosofia weiliana como um modo de viver, e da maneira como esta noção metafilosófica se encaixa na vida de Weil. Assim, pode-se compreender que o sofrimento humano é sobretudo o propulsor de sua filosofia, e este mesmo sofrimento a impulsiona para uma mística filosófica. É através do infortúnio, ou seja, do *malheur* que a pensadora francesa experimenta a extrema angústia não como aniquilação, mas como presença de Deus. A filosofia weiliana vê aí a possibilidade de uma união a Cristo crucificado, e a partir deste êxtase sofredor e contínuo, um meio de compromisso ético com aqueles que passam pela infelicidade extrema.

Palavras-chave: Simone Weil. Sofrimento. Ética. *Malheur*. Mística filosófica.

Abstract: This article seeks to reflect on the concept of supernatural compassion in the philosophy of the French thinker Simone Weil, presenting it as the

* Robson de Oliveira Silva é Doutor em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pós-doutorado em Filosofia da Ciência pela Escola de Enfermagem Anna Nery (UFRJ) e professor de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – Rio). Contato: robson.oliveira@ctsmart.org

** Thobias Costa Lopes é graduado em Filosofia pelo CES/JF e graduando em Teologia pelo UniAcademia. Contato: tobicosta@gmail.com

praxis of a decreeted individual, who manages, through divine grace, to leave himself and go meet the *malheureux*. To reach this conclusion, this text begins with Weil's philosophy as a way of living, and the way this metaphilosophical notion fits into Weil's life. Thus, it can be understood that human suffering is above all driving force behind his philosophy, and this same suffering propels it to a philosophical mystique. It is through misfortune, that is, the *malheur*, that the French thinker experiences extreme anguish not as annihilation, but as the presence of God. Weil's philosophy sees there the possibility of a union with Christ crucified, and from this suffering and continuous ecstasy, a means of ethical commitment to those who go through extreme unhappiness.

Keywords: Simone Weil. Suffering. Ethics. *Malheur*. Philosophical mystique.

Introdução

Este artigo pretende refletir sobre a importância do conceito de compaixão sobrenatural, na filosofia de Simone Weil (1909-1943), pensadora francesa de berço judaico, nascida em Paris, no século XX. A filósofa se debruçou sobre temas de cunho sociopolítico de grande importância e, além disso, ofereceu original contribuição à mística, teologia e sociologia (BUENO; VALLE, 2019).

Figura muitas vezes considerada complexa, desde sua juventude foi dedicada aos estudos filosóficos, principalmente ao platonismo e à metafísica grega, bem como se interessava pelas angústias da humanidade. Isto se comprova por sua participação ativa na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), na Resistência Francesa, durante a Segunda Guerra Mundial (1940-1944), e por sua experiência fabril, da qual lhe sobrevieram enfermidades.

Para ilustrar o quão intenso era o seu engajamento social e sua preocupação pelas desigualdades, faz-se importante apresentar um relato de Simone de Beauvoir¹ (1908-1986), a seu respeito:

Um dia, consegui aproximar-me dela. Não sei como a conversa se deu, ela disse num tom cortante que uma coisa contava hoje sobre a Terra: a Revolução que daria de comer a todos no mundo. Eu retruquei, de maneira não menos categórica, que o problema não era fazer a felicidade dos homens, mas encontrar um sentido para a sua existência. Ela me cortou: “Bem se vê que você jamais

1. Filósofa existencialista e referencial do feminismo.

sentiu fome”, disse. Nossas relações pararam por aí. Compreendi que ela havia me considerado como “uma pequena burguesa espiritualista”, e isso me irritou (BEAUVOIR apud MARTINS, 2013, p. 45).

Assim, é importante ressaltar que nesta pensadora francesa a filosofia não subsiste sem uma aplicação ética: filosofia e vida andam juntas. Para Weil, a justificação do pensamento passa, necessariamente, pela práxis, o que é característico do modo de pensar contemporâneo². Este aspecto será melhor explorado no próximo item deste artigo.

Simone Weil não tinha o intuito de deixar um legado bibliográfico, de tal modo que seus escritos têm sempre um caráter pessoal. Um fator de suma importância para se compreender a obra weiliana é que, de certo modo, permanece inacabada, devido ao caráter assistemático e privado. Além disso, seus escritos são classificados em fases que vão desde a juventude à sua maturidade. Neste sentido, a obra de Bueno e Valle (2019) a estrutura em três etapas, apresentadas a seguir.

O primeiro período do pensamento weiliano está marcado por sua preparação na *École Normale Supérieure*, entre 1925 e 1931 e destaca-se Alain,³ como seu principal mestre filosófico. O segundo período, de 1931 a 1939, marcado por sua participação nas fábricas da *Renault*, *Alsthom* e *Carnud*, bem como na Guerra Civil Espanhola e suas experiências religiosas.

Nesta fase segunda, percebe-se um interesse pelo marxismo, mas mantendo uma visão humanista, na qual o trabalho deve estar ligado diretamente ao intelecto. Contudo, posteriormente, a filósofa se afasta da ideia de Marx, rejeitando veementemente, o conceito de revolução. Para ela, este conceito é um fator de engano no marxismo, pois a revolução não conseguirá vencer e sanar os problemas sociais, segundo sua perspectiva (NICOLA; BINGERMAN, 2005, p. 24).

Já o terceiro estágio, sobre o qual debruçar-se-á com mais afinco este artigo, está entre 1939 e 1943, e é marcado por sua ligação com a Segunda Guerra Mundial e pela escrita dos primeiros textos místicos, destaque neste artigo:

2. Uma característica fundamental da filosofia contemporânea é o giro prático. A práxis, em contraposição a *Theoria*, tornou-se a chave de leitura universal para todas as disciplinas, tornou-se a chave hermenêutica que abre todos os conteúdos epistêmicos. E Weil não é exceção à regra.

3. Pseudônimo literário de Émile-Auguste Chartier (1868-1951), jornalista, ensaísta e filósofo francês.

Carta a um religioso (2016) e **Espera de Deus** (2019) são, na maior parte de sua composição, cartas trocadas com um sacerdote amigo, chamado Pe. Perrin⁴, acerca de sua experiência com Cristo e com a Igreja.

A filósofa, durante um bom tempo de sua vida foi agnóstica (WEIL, 2019, p. 30), ou seja, concordava que todo juízo acerca de Deus era duvidoso e que deveria ser suspenso. Nesta fase, considerava que a questão sobre a divindade não era a mais importante e que não fazia diferença para as questões humanas. Contudo, no ano de 1935, teve uma experiência religiosa com o cristianismo, que a fez perceber ser esta a religião dos sofrendores escravizados, e que a Verdade, para a qual todas as coisas convergiam, estava nele. Como consta em sua obra:

Era à beira-mar. Às mulheres dos pescadores andavam em volta dos barcos, em procissão, carregando círios e cantando cânticos certamente muito antigos, de uma tristeza de cortar o coração. Nada pode passar a ideia do que foi aquilo. Jamais ouvi nada tão pungente, com exceção dos cantos dos rebocadores do Volga. Lá eu tive de repente a certeza de que o cristianismo é por excelência a religião dos escravos, que os escravos não podem deixar de aderir ao cristianismo, e eu entre os outros (WEIL, 2019, p. 35).

É a partir deste contato místico, que se encontra o aparato necessário para a francesa tratar da compaixão sobrenatural. Contudo, este artigo não pretende delimitar-se a uma reflexão teológica e mística, mas sobretudo, apresentar uma visão filosófica do conceito que desemboca nestes ramos. Assim, a obra **Simone Weil: ser e sofrimento** (2019) tem contribuição pertinente para o presente texto, recorrendo a outros autores como Abbagnano (2007), Nicola; Bingerman (2005), Martins (2013), Cantalamessa (2003) e Reale (1999), para elucidar as ideias weilianas.

Como afirma Raniero Cantalamessa (2003, p. 20), alguns pensadores místicos são impulsionados a um compromisso para com os pobres, devido às suas experiências com Deus; já outros, como Simone Weil, conseguem experimentar Deus somente a partir do contato primeiro com os marginalizados e sofrendores. E aqui, novamente, se constata a preponderância da prática sobre a teoria, no pensamento da autora, bem afeita ao *leitmotiv* contemporâneo.

4. Pe. Joseph-Marie Perrin, sacerdote católico, que Simone Weil conheceu em Marselha. Durante seu contato com ela tentou convencê-la a aceitar o batismo.

1 A filosofia como modo de viver

Para se chegar à questão do sofrimento e, conseqüentemente, ao conceito de compaixão, torna-se oportuno elucidar o que Weil entende por filosofia. A autora procura, antes de tudo, questionar-se sobre a real natureza da filosofia: seu objetivo e limite, fazendo assim uma espécie de **metafilosofia**⁵. Deste modo, deve-se buscar uma compreensão integral do contexto filosófico weiliano, pois esta visão metafilosófica só se torna clara quando são consideradas todas as fases do pensamento da filósofa (BUENO; VALLE, 2019).

Segundo a francesa, para se estabelecer o real papel da filosofia, deve-se rejeitar toda tentativa imperiosa de construir um sistema, pois estes sistemas de pensamento, como o de Aristóteles (384-322 a.C.) e Hegel (1770-1831), omitem lacunas e dilemas, não realizando de forma eficaz o objetivo ao qual se propõem (MARTINS, 2013).

Assim, a visão de filosofia da pensadora resgata seus fundamentos na Antiguidade grega, sobretudo platônica, pois segundo ela, Platão (428-348 a.C.) conseguiu articular uma relação fundamental entre o filosofar e a prática ética na *pólis* (BUENO; VALLE, 2019). É nesta esteira que Weil considera o saber filosófico como um modo de vida, visto que o objetivo primeiro da vocação filosófica não é um acúmulo de saber intelectual, mas sim, ser uma via de transformar a própria alma pelo conhecimento, e a partir desta transformação, agir na realidade ao redor. Como consta na obra de Martins:

A filosofia, para Simone Weil, é uma virtude voltada para a busca honesta e incessante pela verdade. Uma virtude transcendental, pois o verdadeiro filósofo é aquele que trabalha no exercício do espírito, na especulação dos valores transcendentais. A filosofia não se resume à especulação. A reflexão, apenas nesse âmbito, não é uma filosofia, mas uma boa interpretação da realidade. Filosofia é uma maneira de agir e viver, por isso uma virtude (MARTINS, 2013, p. 74-75).

Portanto, pode-se dizer que a filosofia weiliana consiste numa espécie de aplicação prática das ideias, entendida aqui como uma perspectiva da encarnação das ideias, ou seja, da verdade no mundo concreto. Simone Weil se

5. Segundo o Dicionário de Filosofia (2007, p. 766) metafilosofia é “a reflexão sobre o conceito de filosofia, ou seja, a filosofia da filosofia ou metateoria da filosofia [...]”. Este conceito é bastante discutido em relação a sua validade, por exemplo, se toda metafilosofia é, na verdade, uma filosofia.

distancia de uma compreensão meramente abstrata e longínqua de filosofia, ela recorre à sabedoria antiga como arte de viver, ou seja, o verdadeiro filósofo é “[...] aquele que sabe viver e morrer de acordo com o próprio pensamento” (REALE, 1999, p. 71).

Neste sentido, antes da *práxis*, as ideias já estão acessíveis ao homem. É contemplando as ideias que o vínculo interior e ético é gerado e, sendo assim, as ideias são forças que impulsionam o indivíduo para uma intervenção na vida material e política (NICOLA; BINGERMAN, 2005).

Compreendendo o trabalho weiliano como *modus vivendi*, ou seja, maneira de viver, pode-se salientar alguns conceitos essenciais, elaborados pela filósofa, que contribuem nesta relação entre filosofia e vida.

A primeira conceituação fundamental para o viver filosófico é o **desapego**. Em suas obras, ela afirma que o homem tem uma aspiração pelo Sumo Bem. Contudo, muitas vezes, por conta do pecado original (reflexão da maturidade), ele faz a opção de trocar este Bem Absoluto por bens particulares e transitórios. Assim, o desejo pelo bem torna-se egoísta e fundamentado sobre o **eu**. Aqui surge o desapego, como processo pelo qual o homem se distancia dos apegos particulares e das coisas ilusórias, voltando o seu olhar para o Bem Supremo (MARTINS, 2013, p. 98)⁶.

Buscando desapegar-se das coisas ilusórias, o indivíduo acaba por exercer a faculdade da **atenção** – outro conceito original e notório de Simone Weil – sendo esta a disposição de abrir-se ao mundo, objetivamente, desviando-se dos apegos transitórios. Sobre isto, Weil afirma:

A atenção consiste em suspender o pensamento, em deixá-lo disponível, vazio e penetrável ao objeto, em manter em si mesmo, próximo ao pensamento, mas em um nível inferior e sem contato com ele, os diversos conhecimentos adquiridos que somos forçados a utilizar. Para todas as ideias particulares e já formadas, o pensamento deve ser como um homem sobre uma montanha que, olhando para frente, percebe ao mesmo tempo sob ele, mas sem olhar diretamente, muitas florestas e planícies. E, sobretudo, o pensamento deve estar vazio, na expectativa; ele nada deve buscar, mas deve estar pronto para receber na sua verdade nua o objeto que vai penetrá-lo (WEIL, 2019, p. 77).

6. Weil denomina desapego ao que o pensamento clássico nomeava ascese. O esforço por ser coerente e não submeter bens superiores a bens inferiores é, justamente, o que se chama via de purificação, ascese da vontade.

A atenção, portanto, é uma categoria em constante tensão com o eu, pois este quer sempre sobrepor os seus desejos particulares e egoístas, já a atenção se firma no desapego, como meio de conseguir uma real imersão do eu no todo. Portanto, esta faculdade do ser humano é uma contribuinte para o esvaziamento, deixando a mente à espera do que está constantemente por vir. Seria preciso rastrear a influência evidente de Edmund Husserl (1859-1938), no pensamento da filósofa francesa, pois é impossível não ver aqui as digitais da *epoché* fenomenológica.

Esta espera não é nada mais do que uma forma de não permitir que o homem se alicerce em si mesmo, e se acomode numa perspectiva ilusória. Por isso, o pensamento deve ter sempre seu fim lançado para frente.

Agindo desta maneira, o indivíduo desapegado conseguirá estabelecer, no mundo, sempre uma hierarquia mais lúcida dos valores e das relações éticas, não se conformando com a condição inerte. Interessante é perceber que estes conceitos se encaixam com propriedade na vida de Simone Weil.

2 O sofrimento como propulsor da filosofia weiliana

Para Simone Weil, a filosofia é uma busca incessante pela verdade, que como visto, se traduz na vivência ética. A busca do conhecimento, ao longo da história da filosofia, recebe diversos fundamentos primordiais; exemplificando: o *arché*⁷ dos pré-socráticos, o mundo das ideias de Platão, o Uno (Deus) de Plotino (204-270), a vontade em Schopenhauer (1788-1860), entre outros.

Todos estes fundamentos primeiros do filosofar constituem um único e mesmo *pathos*, ou seja, um componente que perpassa a história como propulsor para acesso à verdade. O *pathos* atravessa a filosofia humana, sendo alterado ao longo do tempo em suas características, mas mantendo a essência de conduzir o pensamento para a verdade (BUENO; VALLE, 2019). A autora também entende que a filosofia grega já tinha germes da Verdade Encarnada, que é o Cristo, assim, o *pathos* filosófico impulsiona e converge para Jesus:

São João, usando as palavras *logos* e *pneuma*, indica a profunda afinidade que liga o estoicismo grego (a ser distinguido daquele de Catão e de Brutus!) ao

7. O Dicionário de Filosofia (2007, p. 88) apresenta *arché* como princípio formador de toda a realidade.

cristianismo. Platão também conhecia claramente e indicou por alusões em suas obras os dogmas da Trindade, da Mediação, da Encarnação, da Paixão, e as noções da graça e da salvação pelo amor. Ele conheceu a verdade essencial, ou seja, que Deus é o Bem. Ele é a Onipotência apenas por acréscimo (WEIL, 2016, p. 17, grifo do autor)

Dessa forma, tanto Martins (2013) quanto Nicola e Bingerman (2005) apresentam o sofrimento como componente propulsor da filosofia de Weil, visto que – para a pensadora francesa – toda vivência humana tem alguma compreensão filosófica. Suas experiências de sofrimento, nas guerras e nas fábricas, a inclinam para um *pathos* sofredor, e este sofrimento propulsor weiliano também encontra o seu ápice na encarnação de Cristo.

O *pathos*, usualmente, equivale ao que se entende por paixão, ou seja, uma afecção emocional que controla e influencia a direção do pensamento (ABBAGNANO, 2007, p. 861). Contudo, segundo Bueno e Valle (2019), em Simone Weil trata-se de uma disposição aberta, para se chegar à verdade, disposição esta que se permite sofrer e mudar.

Deve-se, portanto, adentrar no sofrimento de Weil, a começar pela sua experiência nas fábricas. É neste período, que ela tem a experiência da **coisificação** do trabalhador, ou seja, o operário é reduzido a uma coisa, algo de material e inerte. O verdadeiro trabalho, segundo ela, deveria unir a produção intelectual e manual. Contudo, nestes ambientes fabris, o operário era reduzido a um objeto, e ela mesma sente os efeitos desta jornada em sua saúde (MARTINS, 2013).

Outro fato importante é o envolvimento na Guerra Civil Espanhola, na qual presenciou momentos de aniquilação da vida humana. Atesta, portanto, que aquilo que move os combatentes, muitas vezes, não é a justiça, mas sim, a crueldade e as atrocidades (NICOLA; BINGERMAN, 2005).

Assim, surge o conceito de **força** ou **violência**. Trata-se de uma tendência humana de reduzir alguém ao estado de coisa, através da brutalidade física ou moral, como consta na obra de Nicola e Bingerman:

Em todos os seus escritos, Simone Weil (SW) utiliza indiferentemente os conceitos de “força” e “violência”, de tal maneira que podemos afirmar que ela chega a identificar um e outro. Às vezes faz afirmações lançando mão de um conceito, como quando diz: “A violência esmaga aqueles que ela toca.” Mas dentro do contexto global de reflexão, a palavra “violência” tem o mesmo significado

que “força”, da qual ela deu antes a definição precisando que “se trata daquilo que faz qualquer um que lhe esteja submetido uma coisa”. A crítica à violência e ao império da força está presente no pensamento de Simone Weil em termos amplos e universais (NICOLA; BINGERMAN, 2005, p. 117).

E esta força ou violência reside sobretudo na vontade humana, devendo ser adestrada, como meio de controlar a característica animal do indivíduo. Entretanto, a força pode ser utilizada num sentido contrário, ou seja, violentando os próprios instintos de destruição (BUENO; VALLE, 2019).

A violência humana pode se esconder em vários tipos de expressões individuais e sociais: regimes totalitários, abusos de poder, seja em nível de instituição ou em nível afetivo, através da violência nas guerras, ou contra uma pessoa específica, dentre outros. Assim, a violência acomete todos os seres humanos, de consciência cristã ou não cristã, mentindo, portanto, aqueles que dizem não serem influenciados por ela. Os sábios, entretanto, usam a força em sentido contrário, contra eles mesmos (MARTINS, 2013).

Esclarecidos estes conceitos, chega-se finalmente, a um dos pilares da reflexão weiliana: o *malheur*, termo francês, traduzido⁸ na obra **Espera de Deus** (2019) como **infortúnio**. Tal termo quer expressar uma espécie de sofrimento extremo e angustiante, que faz o ser humano se sentir um nada, como diz Weil:

No campo do sofrimento, o infortúnio é uma coisa à parte, específica, irredutível. Ele é algo completamente diferente do que o simples sofrimento. Ele toma conta da alma e a fere, até o seu âmago, com uma marca que só pertence a ele, a marca da escravidão. A escravidão tal como foi praticada na Roma antiga é apenas a forma extrema do infortúnio. Os antigos que conheciam bem a questão diziam; “Um homem perde a metade da sua alma no dia em que se torna escravo”. O infortúnio é inseparável do sofrimento físico e, no entanto, completamente distinto. No sofrimento, tudo o que não está ligado à dor física ou algo parecido é artificial e imaginário, e pode ser aniquilado por uma disposição conveniente do pensamento (WEIL, 2019, p. 82).

O *malheur* é distinto do sofrimento e também da dor física, contudo, anda de mãos dadas com estes dois componentes da vida humana. A dor e o sofrimento, separados um do outro, não bastam para atingir a alma humana, é necessária uma junção desses pontos, para que ocorra o infortúnio.

8. Segundo Martins (2013), por mais que se façam traduções deste termo, estas não têm o mesmo peso semântico do termo original em francês.

Entretanto, a dor física pode ser considerada um *semimalheur*, visto que também angustia o homem. Se esta mesma dor física for frequente, pode ser atenuada para a experiência do *malheur*, pois passa a tocar tanto no corpo quanto no pensamento. Weil dá certa notoriedade à dor física, porque esta não deixa o pensamento fugir prontamente do sofrimento, ao contrário, ela o mantém como seu encarcerado (WEIL, 2019).

É oportuno ressaltar que o limite entre o sofrimento e o profundo infortúnio varia de pessoa para pessoa e cada indivíduo tem o seu limite para este extremo. Quando alguém atinge este grau, pensa que não é coisa alguma, e não tem palavras para expressar o que sente. Assim, estes que sofrem o pesado fardo do infortúnio são considerados *malheureux*, provas concretas de que o sofrimento extremo existe ao redor do mundo (MARTINS, 2013).

Posto isso, o próximo item tratará da possibilidade de entender o *malheur* como possibilidade de encontro com o Deus encarnado. Esta análise weiliana foi tão oportuna que contribuiu, também, com áreas como a teologia, a sociologia e a estaurologia⁹.

3 O sofrimento extremo como encontro com Deus

Como afirmado, Simone Weil tem uma experiência mística com o cristianismo e reconhece nele a religião dos sofredores, por excelência. O seu agnosticismo então cai por terra, passando a perceber que o Cristo crucificado é a imagem da presença divina em meio ao sofrimento.

Assim, o *malheur* pode ser instrumento de destruição integral do homem ou também, meio de se unir inteiramente a Deus, sendo uma espécie de êxtase doloroso. Para se entender esta possibilidade de um infortúnio místico, deve-se, portanto, recorrer ao que Weil entende por criação e descreiação.

O conceito weiliano de criação implica uma *kénosis*¹⁰ por parte de Deus, ou seja, um rebaixamento amoroso do Absoluto. Visto que Deus por si só se basta, a criação torna-se um ato de amor, por parte dele. Assim, Ele cria por amor coisas inferiores a si mesmo (BUENO; VALLE, 2019).

9. Ciência que faz estudos acerca da Cruz.

10. Do verbo grego *kenoo*, esvazio.

É salutar saber que, segundo a autora, Deus cria e logo em seguida faz com que a criação siga um curso natural, obedecendo à sua vontade. Isso faz com que a pensadora francesa entenda que não há providência pessoal, mas apenas uma providência impessoal, ou seja, toda criação segue um único e mesmo fluxo. Outro fator pertinente, é que Weil faz um esforço para diminuir a importância dos milagres, sendo que estes também estariam dentro da providência impessoal de Deus¹¹.

Entretanto, o ser humano é o único que pode desejar ou não este ordenamento universal, pois a ele foi dada a possibilidade de aderir a uma existência autônoma, como diz Weil:

O homem jamais pode sair da obediência a Deus, uma criatura não pode deixar de obedecer. A única escolha deixada ao ser humano como criatura inteligente e livre é desejar obediência ou não desejá-la. Se ele não a desejar, ele a obedecerá de qualquer maneira, perpetuamente, enquanto coisa submissa a necessidade mecânica, mas uma nova necessidade será acrescentada, uma necessidade constituída de leis próprias às coisas sobrenaturais. Certas ações se tornam impossíveis, outras se realizam através do ser humano, por vezes quase apesar dele (WEIL, 2019, p. 93).

Um não cristão, ou até mesmo um cristão, ao ler este trecho, pode entender a vontade de Deus como algo cruel e cego. Entretanto, o que Weil quer mostrar é que todos os atos divinos são atos de amor, e o fluxo ao qual Ele entrega a criação faz esta convergir para um fim divino. Em outras palavras, Deus ama tanto a sua criação, que foi capaz de permitir uma distância nele, como diz Weil (2019, p. 88): uma distância entre Deus e Deus.

Esta distância é entre Ele e Ele mesmo, pois a criação continua ligada a Deus, não está para além dele, mas n'Ele. Tomando um conceito do **Dicionário** de Abbagnano (2007, p. 863), a criação segundo Weil é uma espécie de panenteísmo, ou seja, todas as coisas não são Deus, entretanto, todas as coisas estão em Deus.

Pode-se inferir, portanto, que na vida terrena, o homem pode lutar contra o fluxo da criação, ou aceitar um processo de **descrição**. Esta descrição seria o esforço humano de não lutar contra a ordem do universo, mas aceitá-la, assumindo a condição de nada, sendo uma ponte livre entre o Criador e a criatura. Não se trata de uma apatia ou quietismo, mas sim, de uma ascese, pela faculdade da atenção, contando sobretudo com a graça divina (MARTINS, 2013).

11. A questão da providência é tratada de modo mais superficial neste artigo, tendo em vista que na concepção weiliana tende-se a uma aplicação mais teológica do que filosófica, desta questão.

Desta forma, Jesus transformou o sentido do sofrimento extremo (*malheur*) e, assim, a partir dele, também o infortúnio torna-se sinal da presença divina. Pois, sendo Deus e homem ao mesmo tempo, permitiu-se padecer na mão dos homens, esvaziando-se de sua glória. Neste sentido, trata-se de um escândalo de amor, pois o Deus encarnado ama tanto os homens que está disposto a passar pela cruz (WEIL, 2013, p. 35-36).

Aqueles então que vivenciam o infortúnio podem ser completamente dilacerados e aniquilados, mas podem também, ao passar pela descrição, experimentar a presença de Deus na dor mais profunda. Sabendo que ao retornarem a Ele após a morte, experimentarão a união com Deus, quando não haverá mais a distância material e temporal (BUENO; VALLE, 2019, p. 128). Uma aproximação impensável, entre Weil e Ratzinger, se desenha aqui¹².

4 A compaixão como mística e ética

Pode-se agora tratar da **compaixão sobrenatural**, tendo em vista os conceitos weilianos já apresentados. Em Simone Weil, percebe-se, nitidamente, que a experiência mística indica o compromisso ético, e também o compromisso ético chama o indivíduo a uma experiência mística. Se o homem, portanto, aderir à mística e se deixar transformar por ela, experimentará a graça de Deus e não será aniquilado pelo *malheur*, caso passe por ele.

Aqui se faz presente a pertinência do conceito de compaixão sobrenatural. O **Dicionário de Filosofia** (2007, p. 181) define compaixão como: “participação no sofrimento alheio como algo diferente desse mesmo sofrimento”. Todavia, o conceito weiliano de compaixão, para ser eficaz, tem que ser algo mais profundo do que isso, algo de cunho sobrenatural. A compaixão de Weil ultrapassa, por princípio, a abordagem filosófica.

A compaixão, na filósofa francesa, se dá, sobretudo, entre um indivíduo que passou pelo *malheur* e se encontrou com Deus (foi descreido), e um indivíduo que está passando pelo *malheur* (*malheureux*). Somente entre estes dois componentes pode ocorrer, perfeitamente, a compaixão, pois – segundo a filósofa – ninguém é capaz de sentir verdadeira misericórdia de um desventurado, sem ter experimentado na carne, o infortúnio.

12. RATZINGER (2007, p. 74): “Quem não aceita o sofrimento não pode amar, pois o amor implica sempre algum grau de morte para si mesmo, de entrega de si a outro, de libertação de si”.

É a graça de Deus, experimentada por quem passou pelo infortúnio que o impulsiona a sair de si mesmo e se encontrar com o *malheurex*. Como afirma Bueno e Valle:

Em última instância, a *compaixão sobrenatural* se configura no sentido de que aquele que é benfeitor de Cristo, estando na presença de um *malheurex*, não sente entre este e si próprio, nenhuma distância, mas transporta até o outro todo o seu ser, conferindo-lhe, ainda que por um instante, a existência própria da qual ele havia sido privado pelo *malheur*, a saber, quando foi reduzido ao anonimato, pois, “tal como Cristo se esvaziou da sua divindade por amor, o *malheurex* é esvaziado da sua humanidade pela má sorte” [...] (BUENO; VALLE, 2019, p. 134, grifo do autor).

A verdadeira compaixão consiste nisso: ver o sofrimento do outro, do anônimo, de quem todos fogem o olhar, e ser impulsionado pela graça a tocar naquilo que muitos não querem tocar – ver o invisível. Assim, aquele que foi descrito, através do infortúnio, consegue sentir compaixão, porque experimentou o sofrimento extremo, e conhece o *malheur* não por mera especulação, mas por experiência sentida na alma e no corpo.

A alma, no processo de compaixão, se situa entre dois extremos, uma parte dela se mantém impassível e outra se deixa identificar com o *malheur* do outro. É necessário ter esta tensão entre os dois extremos, pois um está ligado às questões deste mundo e o outro está ligado a Deus, de onde provém a graça da compaixão sobrenatural (MARTINS, 2013).

De modo que, para Simone Weil, a misericórdia não é um ato meramente humano, mas é o próprio Deus, que ama através do misericordioso, pois este foi descrito e permitiu ser ponte do fluxo da graça divina. Deus ama através do compassivo, aquele que está no infortúnio, amando, conseqüentemente, a sua criação, e em última instância: amando a Si mesmo.

Este amor compassivo, que também é amor entre Deus e Deus (cf. WEIL, 2019) – conceito bastante discutível da autora –, não é, de forma alguma, um amor egoísta do Criador. A concepção weiliana rejeita, veementemente, qualquer espécie de egoísmo divino. O que a pensadora quer indicar é que Deus permite ao homem ser instrumento de antecipação da eternidade futura, ou seja, antecipação cristã, do dia em que todos estarão em perfeita unidade com o Criador, quando o amor humano e o amor divino se encontrarão, perfeitamente, na mesma via. Aí o *malheur* terá o seu

sentido livre de toda dubiedade. E novamente aproximam-se o Papa Bento e o pensamento da filósofa¹³.

Em uma das passagens de **Espera de Deus**, Weil, sobre a compaixão sobrenatural, diz:

O amor ao próximo é o amor que desce de Deus para o homem. Ele é anterior àquele que sobe do homem para Deus. Deus tem pressa em descer para os infelizes. Contanto que uma alma esteja disposta a dar seu consentimento, mesmo sendo ela a última, a mais miserável, a mais disforme, Deus se precipita sobre ela para poder, através dele, olhar e escutar os infelizes. Com o passar do tempo, somente ela toma conhecimento dessa presença. Mas será que ela não encontraria um nome para nomeá-la? Onde quer que os infelizes sejam amados por si mesmos, Deus está presente. Deus não está presente, mesmo quando invocado, ali onde os infelizes são simplesmente uma oportunidade de praticar o bem, mesmo se eles forem amados com essa desculpa. Eles são amados impessoalmente. E é preciso levar-lhes, nesse estado inerte, anônimo, um amor pessoal (WEIL, 2019, p. 113).

Portanto, para Simone Weil, não basta apenas um motivo social ou ideológico, para se amar os infelizes – aqueles que experimentam, cotidianamente, na carne e na alma o sofrimento extremo –, é necessário uma ação sobrenatural e mística que conduza o homem ao compromisso ético.

Simone Weil morreu sem ser batizada (MARTINS, 2013), entretanto, ao experimentar o cristianismo como a religião dos escravos, reconheceu que esta tem uma dádiva primaz: a compaixão, como relação entre os homens, mas, totalmente tomada pelo amor de Deus.

Assim, o ser humano, amado por Deus, mesmo que não tenha respostas concretas sobre o sofrimento, consegue fazer desta infelicidade uma presença do Altíssimo. Presença de um Deus que não ficou indiferente a esta experiência existencial, mas se encarnou, e pela sua Paixão abriu a toda a humanidade a possibilidade de ser canal de sua misericórdia.

13. RATZINGER (2012, p. 74): “Deus é amor. Mas o amor pode também ser odiado, quando exige do homem que saia de si próprio para ir além de si mesmo. O amor não é um romântico sentimento de bem-estar. Redenção não é wellness, bem-estar, um mergulho na autocomplacência, mas uma libertação do autofechamento no próprio eu. Essa libertação tem como preço o sofrimento da Cruz”.

Conclusão

Simone Weil encarnou, com fidelidade, o conceito de filosofia como um modo de viver, e isto é claramente notável em seu interesse e participação pelas questões ético-sociais. A complexidade de sua obra deve-se pelo caráter fragmentário e assistemático de seus escritos. Entretanto, ainda que seja uma figura complexa, sua forma de compreender a realidade está, intimamente, ligada à sua experiência de vida.

Portanto, a visão filosófica de Weil foi marcada, profundamente, pelo fato de ter presenciado o sofrimento dos operários e dos participantes das guerras. Por isso, o sofrimento, e de forma máxima o *malheur*, são sublinhados por ela com tanta veemência.

Simone Weil remonta aos gregos antigos, mesmo com seu caráter fragmentário, pois por mais que tenha incorporado à sua filosofia diversos componentes da experiência, nunca deixou de considerar a verdade como algo a ser buscado a todo custo. O seu envolvimento nas questões sociais são, antes de tudo, uma busca pela verdade, que para ela, vale todo o preço a ser pago.

Com o passar do tempo, reconheceu Cristo como a verdade que tanto procurava, e não somente isso, mas como *logos*, para o qual toda a filosofia se impulsionava. Certamente, o Cristo de Weil está mais abordado na ótica da cruz do que diretamente da ressurreição, não porque ela omitia este fato, mas sim porque a cruz é um componente místico-filosófico, que se encaixa na sua *práxis* de modo latente.

Faleceu sem o batismo (MARTINS, 2013), mas através do seu contato com os mais sofredores e marginalizados de seu tempo, teve uma experiência mística que a conduziu a Deus (CANTALAMESSA, 2003).

A compaixão sobrenatural para Weil é muito mais do que uma opção dos místicos, mas uma obrigação. Sente-se obrigada, depois de ter experimentado a cruz, a tocar na dor do infeliz, permitindo-se ser movida pela graça divina e instrumento do amor de Deus.

Referências

- ARCHÉ. In: ABBAGNANO, Nicolla. *Dicionário de filosofia*. Tradução Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1210 p.
- BUENO, Denis Andre Bez; VALLE, Bortolo. *Simone Weil: ser e sofrimento*. Curitiba: Appris, 2019. 147 p.

CANTALAMESSA, Raniero. *A pobreza*. Tradução Maurício Ruffier (SJ). 3. ed. São Paulo: Loyola, 2003. 92 p.

DI NICOLA, Giulia Paula; BINGERMAN, Maria Clara Luccetti (orgs.). *Simone Weil: ação e contemplação*. Bauru: Edusc, 2005. 257 p.

MARTINS, Alexandre Andrade. *A pobreza e a graça: experiência de Deus em meio ao sofrimento em Simone Weil*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2013. 292 p.

METAFILOSOFIA. In: ABBAGNANO, Nicolla. *Dicionário de filosofia*. Tradução Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1210 p.

PAIXÃO. In: _____. *Dicionário de filosofia*. Tradução Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1210 p.

PANENTEÍSMO. In: _____. *Dicionário de filosofia*. Tradução Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1210 p.

RATZINGER, Joseph. *Homilias sobre os santos*. São Paulo: Quadrante, 2007.

_____. *A infância de Jesus*. São Paulo: Planeta, 2012.

REALE, Giovanni. *O saber dos antigos: terapia para os tempos atuais*. Tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 1999. 260 p.

WEIL, Simone. *Carta a um religioso*. Tradução Monica Stahel. Petrópolis: Vozes, 2016. 56 p.

_____. *Espera de Deus*. Tradução Karin Andrea de Guise. Petrópolis: Vozes, 2019. 205 p.

Artigo recebido em 09/06/2020 e aprovado para publicação em 17/06/2020

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v19i37-2020-6>

Como citar:

SILVA, Robson de Oliveira; LOPES, Thobias Costa. A compaixão pelos infelizes: uma filosofia weiliana sobre a misericórdia como elemento ético e místico. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 37, p. 99-114, jan./jun. 2020. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br